

(RE)LENDO CLÁSSICOS: TRAJETOS DE PESQUISA

Cristina Carneiro Rodrigues

RESUMO: Neste artigo são abordados quatro momentos da história da pesquisa contemporânea sobre tradução e sua relevância para futuras pesquisas. Trata-se de uma (re)leitura de aspectos de obras que apontam para maneiras de se conduzir pesquisas na área que têm sido pouco examinados, possivelmente por terem sido ofuscados por tópicos de maior impacto tratados pelos autores. Berman é revisitado pela associação que faz entre crítica e história; Venuti, pela proposta de leitura sintomática; Lefevere e Bassnett, pela perspectiva de análise de traduções; e Arrojo, pelo questionamento da suposta neutralidade do sujeito que teoriza.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa em tradução; história da tradução; crítica da tradução.

RESUMEN: En este artículo se abordan cuatro momentos de la historia de la investigación contemporánea sobre traducción y su relevancia para futuras investigaciones. Se hace una (re)lectura de aspectos de obras que apuntan hacia maneras de conducir investigaciones en el área y que vienen siendo poco examinados, posiblemente por haber sido ofuscados por temas de mayor impacto tratados por los autores. Berman es revisitado por la asociación que hace entre crítica e historia; Venuti, por la propuesta de lectura sintomática; Lefevere y Bassnett, por la perspectiva de análisis de traducciones; y Arrojo, por el cuestionamiento de la supuesta neutralidad del sujeto que teoriza.

PALABRAS CLAVE: investigación en traducción; historia de la traducción; crítica de la traducción.

Desde que lançado, o periódico *The Translator* publica a seção “*Revisiting the classics*” [Revisitando os clássicos], que motiva o título atribuído a este trabalho, em que são apreciados livros que marcaram os estudos da tradução. São leituras de obras que contribuíram para a constituição de um conhecimento sobre tradução e que salientam a força da tradução e o papel que desempenhou em diferentes culturas. Neste

trabalho busco algo similar, fazendo uma (re)leitura, não especificamente de obras, mas de momentos importantes para os estudos da tradução desenvolvidos na contemporaneidade. Selecionei quatro momentos que contribuíram para, nas palavras de Berman (2002, p. 11), mudar o status “de atividade subterrânea” da tradução, e não procuraram assimilá-la a outros campos de conhecimento e sublinharam a força e o poder da tradução. Os autores que representam esses momentos, Antoine Berman, Lawrence Venuti, André Lefevere, por vezes associado a Susan Bassnett, e Rosemary Arrojo, são bastante conhecidos pela comunidade acadêmica, mas procurei destacar, em suas obras, tópicos pouco abordados e relacionados aos modos de conduzir pesquisas em tradução.

O primeiro momento que destaco é 1984, ano da publicação de *L'épreuve de l'étranger*, de Antoine Berman, traduzido para o português apenas em 2002, por Maria Emília Pereira Chanut, como *A prova do estrangeiro*. A obra representa uma ruptura em relação a uma tradição que considerava a tradução como uma forma de aculturação, de subserviência ao outro, o estrangeiro. Berman (2002, p. 17) aponta que há culturas, como a romana, a francesa clássica e a norte-americana moderna, que desejariam ser suficientes em si mesmas e, “a partir dessa suficiência imaginária, ao mesmo tempo brilhar sobre os outros e apropriar-se de seu patrimônio”. Entretanto, para apresentar a “Cultura e tradução na Alemanha romântica”, subtítulo da obra, remete à tradução da Bíblia por Lutero, que teria marcado o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é considerado parte “integrante da existência cultural e, mais ainda, como momento constitutivo do germanismo” (Berman, 2002, p. 28). Em vez da suspeição com se encara a tradução em muitos lugares, em vez de promover um movimento apropriador, Berman nos conduz a um domínio em que a tradução é objeto de reflexão, mas também sujeito gerador de identidade (p. 30). Como objeto, nos informa sobre línguas, culturas, intercâmbios, contatos, o que transforma a tradução em “sujeito de saber”, “origem e fonte de saber” (Berman, 2002, p. 325).

Berman (2002) não apenas evidencia o papel identitário da tradução, como refuta as teses de que seria apenas transmissão, mera operação de mediação, desvalorizada e considerada culturalmente negativa. Trata-se “de fundar – ou de radicalizar as tentativas de fundação já existentes, frequentemente decisivas – um espaço de reflexão e, portanto, de pesquisa” (Berman, 2002, p. 326). Esse espaço reivindicado é autônomo, construído “a partir da *experiência* da tradução; mais precisamente, a partir de sua própria *natureza de experiência*” (p. 337) e

nele a história, ou a arqueologia, teria papel fundamental, pois pertence “a essa reflexão da tradução sobre si mesma – ao mesmo tempo histórica, teórica e cultural –, doravante inseparável da prática tradutória” (p. 314).

Esse autor é muito lembrado por sua crítica às traduções etnocêntricas, mas vários pesquisadores também o citam afirmando que “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria moderna da tradução”, para justificar seus trabalhos historiográficos (2002, p. 12). Entretanto, poucos seguem efetivamente seus passos, pois não mencionam a continuação da passagem, em que o autor enfatiza não se tratar de instituir “um olhar passadista, mas um movimento de retrospectiva que é uma compreensão de si” (p. 12). Nesse sentido, olhar o passado pode nos ajudar a nos compreender melhor – e refletir sobre as traduções passadas; isso pode levar a entendermos como a prática da tradução se articula(va) com a escrita literária, com os diversos intercâmbios linguísticos. O item “história da tradução” encerra-se com o seguinte parágrafo:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural infinitamente complexa e desconcertante na qual, em cada época, ou em espaços diferentes, ela se vê presa. E fazer do saber histórico assim obtido uma abertura para nosso presente. (Berman, 2002, p. 14)

Em *A prova do estrangeiro* Berman mostra o que significa esse olhar para o passado para se compreender melhor qual era o papel da tradução na Alemanha entre o século XVI e o XIX e relacioná-lo a o que é considerado hoje. E nos ensina que saber o que significou a tradução nos oferece melhores condições de situá-la hoje em nosso campo cultural.

Em *Pour une critique des traductions* (1995), livro escrito por um autor doente, finalizado em uma cama de hospital em 1991, reitera a necessidade de um tradutor conhecer a história da tradução, afirmando que “um tradutor sem uma consciência histórica é um tradutor mutilado, prisioneiro de sua representação do traduzir e das que são veiculadas nos ‘discursos sociais’ do momento” (Berman, 1995, p. 61).

O autor não oferece uma metodologia explícita de como historiar a tradução, mas nos informa sobre sua importância e, ao longo de *A prova do estrangeiro*, tece todo o procedimento que o levou a evidenciar que a tradução não é, necessariamente, uma forma de aculturação. E contra os que se manifestam pela impossibilidade de teorização da tradução, ele nos lembra que a atividade é “segunda e

reflexiva” e, enquanto reflexiva, sistemática, mas também acompanhada por intuitividade (Berman, 2002, p. 337).

Essa sistematicidade acaba sendo o principal ponto de *Pour une critique des traductions* (1995). O objetivo do livro é buscar constituir um caminho para se proceder a uma crítica de tradução que não se limite a uma mera comparação entre original e tradução para constatar diferenças. Na parte intitulada "Esboço de um método" ele alerta que não vai apresentar um modelo de crítica, mas um “trajeto analítico possível” (Berman, 1995, p. 64). O primeiro passo desse trajeto é ler as traduções, deixando de lado o original, com olhar receptivo, não buscando ser neutro nem objetivo. O caminho indicado para uma crítica produtiva de traduções é levar em conta quem é o tradutor, fazer uma análise rigorosa do projeto que sustenta a tradução, do horizonte no qual essa tradução se produz e da “posição tradutiva” que orientou o projeto. A concepção do tradutor, sua posição tradutiva, seria uma espécie de compromisso entre como ele percebe sua tarefa e como ele internalizou o discurso histórico, social, literário, ideológico, sobre o traduzir. O projeto seria determinado tanto pela posição tradutiva quanto pelas especificidades da obra a ser traduzida e é o que direcionaria a prática tradutória, como ela é realizada. Projeto e posição tradutiva inscrevem-se em um horizonte, em um “conjunto de parâmetros linguageiros, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor” (Berman, 1995, p. 79). Não se trata de um condicionamento causal ou estrutural, mas relaciona-se às concepções sobre o tema, sobre o gênero, assim como sobre a tradução, que circulam na comunidade que recebe a tradução.

A análise desses três parâmetros seria articulada, não linear, e envolve uma primeira fase em que se examinam as traduções, e uma segunda fase em que se comparam o original e a tradução, para mensurar “a verdade (e a validade) do projeto”, e tem como resultado a avaliação da tradução (Berman, 1995, p.83). Berman, tão conhecido por sua posição contrária a traduções etnocêntricas, nesse seu último livro aceita como exemplares traduções consideradas interferentes, como “o Lucien de Perrot d’Ablancourt, *belle infidèle* típica, as *Mil e uma noites* de Galland, o Poe de Baudelaire”, por serem verdadeiras obras (1995, p. 92). Ao aceitar e prestigiar essas traduções, Berman demonstra que o importante é que o tradutor apresente um “verdadeiro trabalho textual”, que se baseie em um projeto tradutivo explícito e que respeite o original até certo ponto, assim como os leitores.

Sherry Simon, em artigo intitulado “Antoine Berman ou l’absolu critique” chega a afirmar que, “sem anunciar com todas as letras, Berman (1995) parece abandonar sua adesão à ‘tradução da letra’ em favor do que nomeará ‘projeto de tradução’” (2001, p. 25). O trajeto possível indicado por Berman, aqui (re)lido, leva à associação entre a vertente histórica e a crítica. Envolve buscar construir uma história em que se privilegie o “projeto tradutivo” que orientou traduções produzidas em determinadas épocas, relacionando-o ao discurso sobre o traduzir do momento, ou ao trabalho de outros tradutores de outras épocas.

Outro momento marcante nos Estudos da Tradução é 1986, ano em que Venuti publicou o artigo intitulado “The translator’s invisibility”. O autor relaciona a invisibilidade do tradutor a leitores, que querem ler os textos traduzidos como se fossem escritos em sua própria língua, a críticos, editores e resenhistas, que tendem a usar a legibilidade como único critério para avaliar a qualidade de uma tradução, e aos próprios tradutores, que se apagam, imaginando que, com esse procedimento, texto original e autor ganhariam destaque. É a partir dessa espécie de denúncia de Venuti que a invisibilidade do tradutor passa a ser tratada como questão a ser teorizada, fato a ser analisado e explicado, não meramente constatado e lamentado.

Nesse texto, Venuti (1986, p. 190) cunha um termo para a “nova estratégia” tradutória que propõe: resistência [*resistancy*]. Amplamente divulgada, a noção de tradução resistente, ou estrangeirizadora, oposta à prática da fluência, prestigiada por editores e leitores, acaba por ocultar uma outra proposta, a de leitura crítica de traduções. Seria uma leitura voltada para a exposição da tradução enquanto atividade transformadora, dirigida para detectar “discrepâncias” [*discrepancies*], que até hoje teriam sido “encaradas simplesmente como defeitos, como imprecisões lógicas na escolha de palavras, por exemplo” (Venuti, 1986, p. 198).

O que ele denomina “discrepâncias” são palavras, expressões, que tanto forcem o leitor a reparar que um texto foi tocado, quanto evidenciam as determinações culturais que guiaram o processo tradutório. Seu exemplo é da tradução para o inglês de *Il libro del cortegiano*, de Castiglione. Nele, o autor cunha o termo *sprezzatura* para remeter à vida indolente dos cortesãos italianos, assim como ao fato de serem esnobes; ao traduzir por *recklessness* [negligente, descuidado], o tradutor empresta

ao termo um tom negativo, que gera, no leitor, a ideia de um julgamento moral em relação ao personagem e a toda corte italiana.

No primeiro capítulo de *The translator's invisibility* (1995), intitulado “Invisibility”, passa a usar a expressão “leitura sintomática” [*symptomatic reading*], que contrasta com o “método humanista de ler traduções” (p. 25). Esse último modo de ler e traduzir apagaria o que Venuti nesse texto chama de “descontinuidades” [*discontinuities*], privilegiando a comunicação transparente e a inteligibilidade. Uma leitura sintomática, por outro lado, seria historicista, e tanto buscaria detectar a violência do traduzir que privilegia os valores domésticos, quanto explicar, em seu contexto de produção, a razão da inscrição do doméstico na tradução de textos estrangeiros, mesmo em casos que poderiam ser classificados como obras estrangeirizadoras. Esse modo de ler identificaria as descontinuidades na escolha das palavras, na sintaxe, no discurso, quanto buscaria os motivos do procedimento. Um dos exemplos de leitura sintomática que Venuti fornece é a que Bettelheim faz da tradução de Freud organizada por James Strachey (*Standard Edition*), em que aponta como a tradução apagou as descontinuidades em favor de uma estratégia cientificista. Assim, se Freud em inglês parece mais dogmático que no texto alemão, se fala de conceitos abstratos em lugar de falar sobre o próprio leitor, não se aponta para uma tradução descuidada; explica-se o procedimento como uma tentativa de enquadrar Freud na trama da medicina e assimilar seus textos ao positivismo anglo-americano. As escolhas teriam sido determinadas por fatores sociais e institucionais da cultura anglo-americana, em que a psicanálise se aproxima da medicina e onde Freud foi lido com um pano de fundo positivista.

Para Venuti (1995, p. 37), a leitura sintomática não tem o objetivo de apontar se uma tradução é livre ou é fiel, mas apresentar o paradigma de precisão em que a tradução foi produzida e avaliada, quando realizada. Em *Escândalos da tradução* (2002), publicado originalmente em 1998, inclui um capítulo intitulado “Pedagogia da literatura”, em que pretende promover uma leitura de traduções enquanto traduções. Nesse livro, opta, baseado em Lecercle, pelo termo *remainder*, traduzido por “resíduo”, para designar variações linguísticas que revelem sua procedência social ou histórica, ou seja, para substituir “discrepâncias” (1986) e “descontinuidades” (1995). O resíduo pode ocorrer em qualquer texto, seja ele traduzido ou não, e sua característica é causar algum estranhamento por parte do leitor – ter efeitos. No caso da

leitura de traduções enquanto traduções, a proposta é buscar as variantes que se inserem nas formas de maior prestígio, ou buscar elementos que salientem que se trata de um texto estrangeiro.

No capítulo, tece críticas aos cursos de literatura mundial, comuns nos Estados Unidos, em que traduções são lidas, mas sem que se enfatize o fato. A pedagogia da literatura que sugere, pelo contrário, salientaria que as traduções são contextualizadas e interpretações históricas. Nesse sentido, os cursos deveriam abordar quem é o tradutor, assim como o momento histórico da tradução, mas, acima de tudo, enfatizar a diferença, o resíduo, ao reconhecer, na tradução, nuances domésticos e ver os efeitos que causam.

O impacto da denúncia da invisibilidade do tradutor e de sua proposta de tradução não fluente acabou por ocultar a “leitura sintomática” sugerida por Venuti, que consiste em colocar em evidência as discrepâncias, ou descontinuidades, ou o resíduo. Quando se fala desse autor, usualmente é uma maneira de se praticar a tradução que vem em mente, não um elemento a se buscar na análise de uma tradução, nem uma maneira de ler traduções.

Dentre os poucos autores que puseram em evidência esse aspecto de Venuti, está Sherry Simon (1999). Na resenha que fez, *The scandals of translation* (1998), ela afirma que, “ao introduzir a noção de ‘resíduo’ [remainder], Venuti propõe um conceito útil e rico para a compreensão dos efeitos imprevisíveis de uma tradução” (Simon, 1999, p. 195). De acordo com seu ponto de vista, o resíduo permitiria “considerar os perturbadores e estimulantes efeitos da tradução”, assim como “explicar a natureza produtiva das traduções” (p. 195). Seu texto finaliza com a observação de há muito trabalho a ser feito nos Estudos da Tradução, especialmente no sentido de descrever o contato cultural e seus efeitos, e o livro de Venuti ajudaria a dimensionar o trabalho a ser feito.

Eu acrescentaria que Venuti (1986, 1995, 2002) também colabora para abrir caminho para uma maneira de se olhar as traduções. Ainda que não o explicita, os caminhos que trilha indicam que é muito produtivo examinar cada tradução como um acontecimento singular, não com um aparato metodológico previamente construído, mas com um movimento no sentido de observar o que o próprio texto oferece, o que salta à vista na leitura e denuncia a maneira pela qual foi construído.

Assim como Berman, Venuti não sugere que se inicie uma análise pelo cotejo entre tradução e texto de partida. O foco é a tradução e como se situa historicamente.

O terceiro momento que selecionei, com enfoque semelhante, privilegia o estudo de como funcionam certas traduções em determinadas culturas e épocas. Na introdução da coletânea *Translation, history and culture*, Lefevere e Bassnett (1990) explicam que a homogeneidade das contribuições do volume se deve, em grande parte, a um movimento desencadeado por alguns pesquisadores no sentido de não mais concentrar os estudos da tradução nos textos, mas passar a tomar a cultura como elemento central dos estudos. Essa seria a chamada “virada cultural” [*cultural turn*], que envolveria também adotar métodos diferentes dos tradicionais:

o leitor não vai mais encontrar minuciosas comparações entre originais e traduções; porque tais comparações, além de falsamente reforçarem a idéia do texto-enquanto-unidade, tendem a ser vítimas da ‘teoria invisível’ do *tertium comparationis*, implicitamente postulado para garantir julgamentos sobre o motivo de uma determinada tradução (normalmente a proposta pelo escritor do trabalho em questão) ser melhor que outra. (Lefevere; Bassnett, 1990, p. 4)

Esse trecho deixa claro que se prioriza a descrição de traduções, em lugar de se fazerem detalhadas comparações entre original e tradução. Os trabalhos publicados em *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame* (Lefevere, 1992), traduzido para o português em 2007, são exemplares da construção de seu corpus e de seu percurso metodológico. Em geral, o corpus é formado por traduções realizadas em um determinado período de tempo, ou por diferentes formas de reescrita de um mesmo autor ou texto. É inovadora sua maneira de construir as análises, a partir das categorias em que se articula o trabalho de reescrita, tais como patronagem (“mecenato”, na tradução brasileira), poética, ideologia, universo do discurso, língua. Ele evidencia, por exemplo, como diferentes Annes Franks foram construídas em diferentes edições e traduções, como Iliada e Odisseia foram manipuladas em traduções publicadas em diferentes países e épocas. Falando sobre a peça teatral *Lisistrata*, do grego Aristófanes, afirma:

enquanto o tradutor conservador trabalha no nível da palavra ou da frase, o tradutor “espírituoso” trabalha no nível da cultura como um todo, e do funcionamento do texto naquela cultura. Porém, com o passar do tempo, muitas traduções sucedem umas às outras e às vezes elas são diametralmente opostas. (Lefevere, 2007, p. 87)

Delinea-se também a historicidade da tradução em seus textos, especialmente com o intuito de relacionar a tradução a movimentos culturais. Martins (2010), em artigo que enfoca as contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para os Estudos da Tradução, destaca os conceitos de “reescrita” e “patronagem” do primeiro, e a reflexão sobre a “invisibilidade do tradutor” do segundo. Assim como não sublinha a importância do “resíduo” em Venuti, não salienta o encaminhamento metodológico das análises feitas por Lefevere, em que o autor privilegia a comparação entre as várias reescritas de um “mesmo” texto, mas evita minuciosas comparações entre originais e traduções.

Outro ponto pouco mencionado no quadro teórico construído por Lefevere encontra-se também na Introdução de *Translation, history, and culture*, em que os autores afirmam considerar que o futuro dos estudos da tradução está na análise de imagens, tanto a imagem de uma determinada literatura quanto a imagem dos trabalhos que a constituem. Sugerem, ainda, que se repense “a noção de Literatura Comparada, redefinindo-a como uma subcategoria dos Estudos da Tradução” (Lefevere; Bassnett, 1990, p. 13), porque entendem que a tradução tem sido um dos elementos que moldaram as culturas, o que implica que não se pode conduzir o estudo da literatura comparada sem a tradução. Mais importante que comparar textos de partida e traduções, seria investigar a manipulação cultural exercida por aqueles que detêm o poder e as imagens que se formam a partir da leitura da reescrita.

Esses dois autores consideram o estudo da tradução literária, seu principal objeto de pesquisa, como intimamente ligado à literatura comparada. No prefácio de *Constructing cultures* (Lefevere; Bassnett, 1998), livro publicado depois do falecimento de Lefevere, Bassnett informa que o maior ponto de contato entre Lefevere e ela é o fato de que ambos verem o estudo da tradução literária “como intimamente ligada ao estudo de literatura comparada” e, posteriormente, terem constatado que “o estudo da literatura está indissolivelmente conectado à história” (Bassnett, 1998, p.viii).

O que Bassnett enfatiza, portanto, é que tanto ela quanto Lefevere desenvolveram seu trabalho teórico vinculando tradução, literatura e história a partir de uma determinada perspectiva. E essa é a questão que pretendo (re)ler em um trabalho de uma autora bastante conhecida por *Oficina de tradução*, mas pouco mencionada quando se comenta a questão dos interesses que movem a teorização e a prática, Rosemary Arrojo. No trabalho “A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no *front*”, apresentado no 3. Encontro Nacional da ANPOLL, em 1988, e republicado em *O signo desconstruído* (Arrojo, 1992, p. 111-112), a autora enfatiza que

o que pode haver de novo no *front* das teorias da tradução, como o que sempre pôde haver, é exatamente aquilo que nos autoriza a ideologia do nosso tempo e lugar, ou seja, aquele conjunto de convicções que produzem significados que impomos aos objetos e constituem a perspectiva a partir da qual teorizamos e classificamos o mundo.

No texto, ela parte da dicotomia entre teoria e prática que fundamenta o conhecimento moderno, em que se espera que o sujeito que examina e normatiza um objeto, dele se dissocie. A prática estaria relacionada ao intuitivo, opinativo, não à reflexão e, conseqüentemente, em posição inferior à teoria. No entanto, como sugere o pensamento pós-moderno, um sujeito que teoriza se insere em um contexto sócio-histórico, e examina os objetos de acordo com certo ponto de vista. Suas concepções fazem parte do modo como o objeto é encarado e elas são formadas a partir do projeto ideológico da comunidade em que vive, de suas experiências, das leituras a que teve acesso. Da mesma maneira, uma prática que se diz intuitiva é informada por um sistema de ideias e valores que predominam no meio social. Há, portanto, uma teoria direcionando a prática, não de seu exterior, mas uma teoria internalizada, reflexiva.

Arrojo, em vários de seus textos, nos introduz o pensamento pós-moderno, que, simplificando ao extremo, desconfia do discurso totalizante, que visa a explicar tudo, e homogeneizante, que reprime a diferença. Desde que Lyotard publicou *La condition postmoderne* [A condição pós-moderna], em 1976, traduzido para o português em 1986, critica-se o projeto moderno que envolveria uma ciência universal que controlaria as forças naturais e promoveria a compreensão do mundo. Considera-se que não pode haver uma teorização de caráter universal, que forneça modelos prontos e válidos para qualquer época e lugar, que

forneça um instrumental para ser aplicado e estabeleça critérios claros e objetivos para conduzir uma pesquisa, ou mesmo para fazer ou avaliar uma tradução. Enquanto o pensamento moderno privilegia a construção de um método que possa ser reproduzido por vários pesquisadores, a pós-modernidade concentra-se na singularidade do objeto, no episódico, na diferença.

No âmbito do pensamento moderno, o bom tradutor não poderia ser afetado pelo texto que traduz e, muito menos, contaminá-lo com suas próprias convicções ou com as de sua comunidade. História, ideologia, bagagem pessoal seriam empecilhos que afastariam o tradutor do verdadeiro significado de um texto. Na contemporaneidade, o que se coloca é que o tradutor, ser humano, não máquina, não pode se despir do que ele é quando faz uma tradução. Da mesma maneira, reconhece-se que o sujeito teórico não pode deixar de interferir com sua bagagem na maneira pela qual conduz seu trabalho.

Os quatro momentos selecionados nesta (re)leitura foram proporcionados por autores cujo pensamento desestabiliza a noção tradicional de que o tradutor é um ser neutro que não faz uma leitura interferente nem é contaminado pelo texto que traduz. Todos evidenciam que pesquisas produtivas sobre tradução têm como objeto o estudo da intervenção linguística, política, cultural ou social que o tradutor exerce. Todos têm um papel relevante no estabelecimento da tradução como uma disciplina de plenos direitos. Todos penetram nos meandros do complexo encontro entre o doméstico e o estrangeiro. Todos desconfiam da metodologia comparativa que se baseia em minucioso cotejo entre o chamado texto original e a tradução e suas análises não se limitam a seguir um instrumental previamente estabelecido.

Ainda que nem todos se refiram ao pensamento de Jacques Derrida, vejo similaridade entre seus procedimentos e o processo de leitura do filósofo francês. Um dos pontos mais importantes de seu trabalho inicial foi questionar as oposições, entre filosofia e literatura, entre fala e escrita, entre sujeito e objeto, não para revertê-las, mas para problematizá-las. Para fazê-lo, trabalha com os conflitos internos de textos de autores como Platão, Saussure, Rousseau. Derrida salienta que a desconstrução não é um método, porque não há uma formalização específica para tratar de textos em geral. Cada texto analisado indica seus caminhos – como ele diz, “isso se desconstrói” (1998, p. 23). Nesse sentido, cada análise é sempre singular, ou seja, não se reduz a um instrumental de procedimentos a serem seguidos, é um acontecimento,

um movimento de olhar que vem do interior do texto, de sua lógica, de suas exclusões.

O que Derrida fez foi seguir de maneira cuidadosa e rigorosa um caminho que uma determinada obra indicou. Não é outro autor, não é outro texto, que possibilitariam a análise que fez de cada obra. Derrida não propôs um método a ser seguido, ele abriu caminhos para se buscar a singularidade dos objetos, para seguir os rumos que a leitura de cada obra indica.

Os autores aqui (re)lidos praticam a leitura de cada obra como um acontecimento singular, seguindo um movimento de olhar que vem de seu interior, da maneira pela qual ela foi construída. Seus percursos podem ser seguidos, com análises delineadas por um olhar muito receptivo para as traduções e seguindo trajetórias possíveis, indicadas por elas. Arrojo complementa o quadro, ao salientar que o olhar do pesquisador é interferente e relaciona-se estreitamente com a perspectiva pela qual classifica o mundo.

Com o intuito de expandir os estudos que privilegiam a complexidade do encontro entre o doméstico e o estrangeiro que se dá na tradução, retomei alguns elementos pouco comentados, quase esquecidos, do trabalho desenvolvido em quatro momentos de nossa história de pesquisa, para que deles não nos descuidemos ao traçar os rumos de futuras investigações. Como bem salienta Berman (2002, p. 12), não se trata de um olhar passadista, mas de “um movimento de retrospectiva que é uma compreensão de si”.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no *front*. In: _____ (Org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992. p. 107-112.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Trad. Érica Lima. São Paulo: FAPESP/Editora da UNICAMP, 1998. p. 19-25.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, 1992.

_____. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

_____; BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights. The 'cultural turn' in Translation Studies. In: _____ (Ed.). *Translation, history, and culture*. London: Pinter, 1990. p. 1-13.

_____; BASSNETT, Susan. *Constructing cultures: essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

MARTINS, M. A. P.. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras (UFRJ)*, v. 27, p. 59-72, 2010.

SIMON, Sherry. Lawrence Venuti. The scandals of translation. Towards an ethics of difference. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, v. 12, n. 2, p. 193-196, 1999.

_____. Antoine Berman ou l'absolu critique. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, v. 14, n. 2, p. 19-29, 2001.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. *Criticism*, v. 28, n.2, p. 179-212, 1986.

_____. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

_____. *The scandals of translation: towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1998.

_____. *Os escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. de Laureano Pelegrin, Lucinéa Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

